



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA  
CURSO DE LETRAS**

**ANDRÉIA PAZ CASTRO FAGUNDES**

**A ALTERNÂNCIA ENTRE AS VARIANTES “A GENTE” E “NÓS” NA FALA E NA  
ESCRITA DOS BAGEENSES**

**Bagé  
2015**

**ANDRÉIA PAZ CASTRO FAGUNDES**

**A ALTERNÂNCIA ENTRE AS VARIANTES “A GENTE” E “NÓS” NA FALA E NA  
ESCRITA DOS BAGEENSES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras-Português e suas respectivas literaturas da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de licenciado em Letras.

Orientadora: Taíse Simioni

**Bagé  
2015**

**ANDRÉIA PAZ CASTRO FAGUNDES**

**A ALTERNÂNCIA ENTRE AS VARIANTES “A GENTE” E “NÓS” NA FALA E NA  
ESCRITA DOS BAGEENSES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
ao Curso de Licenciatura em Letras-Português  
e respectivas literaturas da Universidade  
Federal do Pampa, como requisito parcial para  
obtenção do Título de licenciado em Letras.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 17 de dezembro 2015.

Banca examinadora:

---

Prof. Dr<sup>a</sup>. Taíse Simioni  
Orientadora  
UNIPAMPA

---

Prof. Dr<sup>a</sup>. Taís Bopp da Silva  
UFPeI

---

Prof. M<sup>a</sup>. Mônica Ferreira Cassana  
UNIPAMPA

Dedico este trabalho a dois anjos que eu tenho no céu, que certamente guiam e iluminam meus passos, meu pai Oscar e minha avó materna Eloá.

## AGRADECIMENTO

Agradeço a Deus por ter me permitido chegar até aqui e por ter me oportunizado esta conquista.

Agradeço ao meu esposo Uilian, por ter estado sempre ao meu lado me incentivado, apoiando, ajudando e nunca ter me deixado desistir, mesmo quando tudo parecia confuso.

À minha mãe, Mara, por ter estado sempre ao meu lado me apoiando ajudando e incentivando.

Aos meus filhos Ana Luísa e Lucas Vinícius por terem sido compreensivos com a falta de tempo, de paciência e com a correria do dia a dia.

Agradeço à minha orientadora, Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Taíse Simioni, por toda a paciência, atenção e dedicação durante toda a elaboração e desenvolvimento do trabalho.

Agradeço a todos os professores que tive o prazer de cruzar e que contribuíram para que eu fosse quem sou hoje.

A todos os colegas pela ajuda, pela troca de conhecimentos, apoio e incentivo.

Agradeço também a todos os amigos e familiares que de alguma maneira contribuíram para que eu alcançasse meu objetivo.

Agradeço à direção da Escola Estadual Frei Plácido, em especial aos alunos do 6º ano do ensino fundamental e 3º ano do ensino médio por terem aceitado participar da minha pesquisa.

Aos informantes com o ensino superior concluído ou em andamento, que disponibilizaram um pouco do seu tempo para participarem da pesquisa.

Muito obrigada por tudo!

“O único lugar onde o sucesso vem antes do trabalho é no dicionário”.  
*Albert Einstein*

## RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo apresentar a pesquisa que teve como finalidade analisar a variação linguística, ou seja, a alternância entre as variantes “nós” e “a gente”, como forma de realização da primeira pessoa do plural na posição de sujeito na língua falada e escrita, na região de Bagé/RS. Nosso objetivo foi investigar os fatores linguísticos e extralinguísticos presentes na fala e na escrita, que podem vir a favorecer ou desfavorecer a escolha entre as variantes “nós” e “a gente” na posição de sujeito, como forma de realizar a primeira pessoa do plural. As hipóteses esperadas foram baseadas nas pesquisas de Brustolin (2010), Lopes (1998), Omena (1998) e Seara (2000), que realizaram suas pesquisas com o intuito de analisar a alternância entre as variantes “nós” e “a gente”, como forma de realização da primeira pessoa do plural na posição de sujeito na fala e/ou na escrita. O trabalho foi desenvolvido durante o segundo semestre de 2015, na cidade de Bagé/RS. Participaram da pesquisa alunos do 5º ano do ensino fundamental e do 3º ano do ensino médio de uma escola estadual e informantes entre 25 e 30 anos com a graduação concluída ou em andamento. A coleta dos dados foi realizada em duas etapas: na primeira cada aluno participou individualmente de uma entrevista que buscava se aproximar da fala informal sobre suas memórias; na segunda etapa foi proposta uma escrita informal, simulando estar contando para um amigo através do Facebook uma situação vivida envolvendo ele e outra(s) pessoa(s). Sendo assim, foi possível observar que a variante “a gente” é utilizada com mais frequência na fala. Notamos, também, que quando a realização do sujeito é de forma explícita se tem uma maior probabilidade da utilização da variante “a gente”. Com relação ao paralelismo (forma antecedente) existe uma maior probabilidade do uso da variante “a gente”, quando a realização anterior está na 3ª pessoa do plural (sujeito nulo). Observamos, também, que o ensino médio utiliza a variante “a gente” com mais intensidade. Se tratando de saliência fônica, foi possível observar que existe uma maior probabilidade do uso da variante “a gente” quando a diferença de uma realização para a outra for o acréscimo do – *mos* e o aumento de uma sílaba. Destacamos, também, que o sexo e o grau de amplitude do eu não foram apresentados de forma significativa para a pesquisa. Através da pesquisa foi possível um maior conhecimento sobre as características da variedade falada em Bagé/RS, e seus resultados poderão possibilitar aos professores um material de apoio para identificar as possíveis motivações, tanto linguísticas como extralinguísticas, na alternância de “nós” e “a gente” para realizar a primeira pessoa do plural, e ainda, possibilitar uma reflexão sobre a importância de observar e abordar em sala de aula as variações linguísticas presentes tanto na fala como na escrita dos alunos.

Palavras-Chave: sociolinguística; variação linguística; nós; a gente; bageenses.

## ABSTRACT

The present work has aim to show the research that aimed to analyze the linguistic variation, that is, switching between variants "we" and "us" as embodiment of the first person plural in the subject position in the language spoken and written, in Bagé/ RS region. Our objective was to investigate the linguistic and extra linguistic factors in speech and writing, that may favor or disfavor the choice between variants "we" and "us" in the subject position as a way to hold the first person plural. Hypotheses expected based on research Brustolin (2010), Lopes (1998), Omena (1998) and Harvest (2000), who carried out their research in order to analyze the switching between variants "we" and "us" as the embodiment of the first person plural in the subject position in speech and / or writing. The study conducted during the second half of 2015 in the city of Bagé / RS. The participants were students of the 5th year of elementary school and the 3rd year of high school to a public school and informants between 25 and 30 years with completed or doing graduation. Data collection performed in two stages: first, each student individually participated in a conference that sought to approach the informal talks about their memories; in the second stage was an informal proposal writing, pretending to be telling a friend via Facebook experienced a situation involving him and the other (s) person (s). Thus, it observed that the variant "us" used more often in speech. We note, too, that when the realization of the subject is explicitly has a higher probability of using the variant "us." In relation the parallelism (antecedent form) are more likely to use the variant "us" when the former realization is in the third person plural (null subject). We also noted that the high school uses the variant "us" with more intensity. The case of phonic boss, it observed that there is a higher probability of using the variant "us" when the difference of an accomplishment for the other is the addition of - hands and the increase of one syllable. We also highlight that sex and the degree of amplitude I have not shown significantly to the research. Through research it was possible a better understanding of the characteristics of the spoken variety in Bagé / RS, and their results will enable teachers support material to identify possible motives, both linguistic and extra-linguistic, in the alternation of "we" and "us" to hold the first person plural, and also enable a reflection on the importance of observing and addressing classroom language variations present both in speech as in writing of students.

Keywords: sociolinguistics; linguistic variation; we; us; bageenses.



## LISTA DE QUADROS E TABELAS

Quadro 1 - Sexo, nível de ensino e número de informantes.....	19
Quadro 2 - Variáveis extralinguísticas .....	20
Quadro 3 - Variáveis linguísticas .....	21
Quadros 4 - Variáveis linguísticas e extralinguísticas organizadas de acordo com a ordem de relevância .....	22
Tabela 1 – Fala e escrita .....	23
Tabela 2 - Tipos de sujeito.....	24
Tabela 3 – Paralelismo .....	24
Tabela 4 – Escolaridade .....	26
Tabela 5 – Saliência fônica.....	27

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>11</b>
<b>2</b>	<b>FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b>	<b>13</b>
2.1	Sociolinguística	13
2.2	Processo de gramaticalização do “a gente”	15
2.3	Variáveis extralinguísticas e linguísticas	16
2.3.1	Escolaridade	16
2.3.2	Sexo	16
2.3.3	Paralelismo	17
2.3.4	Saliência fônica	17
2.3.5	Grau de amplitude do eu	18
2.3.6	Escrita /fala	19
2.3.7	Tipos de sujeito (explícito e nulo)	19
<b>3</b>	<b>METODOLOGIA</b>	<b>20</b>
<b>4</b>	<b>APRESENTAÇÃO DA PESQUISA E ANÁLISE DOS DADOS</b>	<b>23</b>
4.1	Escrita e fala	24
4.2	Tipos de sujeito	24
4.3	Paralelismo	25
4.4	Escolaridade	26
4.5	Saliência fônica	27
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>30</b>
	REFERÊNCIAS	32
	ANEXOS	34

## 1 INTRODUÇÃO

Percebe-se atualmente que existe uma alternância entre “nós” e “a gente” para representar a primeira pessoa do plural e que existem inúmeros estudos realizados nesta área, mas até onde temos conhecimento nenhum foi realizado na região de Bagé/RS. Sendo assim, nossa pesquisa teve como objetivo analisar a variação linguística, ou seja, a alternância das variantes “nós” e “a gente”, como forma de realização da primeira pessoa do plural na posição de sujeito na língua falada e escrita, na região de Bagé/RS. Realizações como, por exemplo, “a gente dançou” e “nós dançamos” foram analisadas em nossa pesquisa.

A pesquisa se mostrou relevante por ser pioneira, na região de Bagé, até onde temos informação, e por possibilitar um maior conhecimento sobre as características da variedade falada em Bagé. Seus resultados também servirão de material de apoio para identificar as motivações, tanto linguísticas como extralinguísticas, na alternância de “nós” e “a gente” para realizar a primeira pessoa do plural e ainda permitirá uma reflexão dos professores sobre a importância de observar e abordar em sala de aula as variantes presentes tanto na fala como na escrita dos alunos.

A alternância das variantes “nós” e “a gente” foi investigada tanto na fala quanto na escrita. Tomamos como base alguns resultados de pesquisas realizadas sobre a alternância entre “nós” e “a gente”, como a de Brustolin (2010), Lopes (1998), Omena (1998) e Seara (2000), embora algumas tenham analisado uma única modalidade, fala ou escrita.

O **objetivo geral** da pesquisa foi investigar os fatores linguísticos e extralinguísticos presentes na fala e na escrita de sujeitos da região de Bagé, que poderiam vir a favorecer ou desfavorecer a escolha entre as variantes “nós” e “a gente” na posição de sujeito, como forma de realizar a primeira pessoa do plural.

Os **objetivos específicos** da pesquisa nos permitiram analisar se a alternância entre “nós” e “a gente” está presente tanto na fala quanto na escrita dos bageenses, em qual dos níveis escolares tais variantes são utilizadas com mais frequência, assim como também, buscou-se analisar a alternância em relação à saliência fônica<sup>1</sup>, ao paralelismo e ao grau de amplitude do eu.

---

<sup>1</sup> Os conceitos de saliência fônica, paralelismo e grau de amplitude do eu serão retomados na fundamentação teórica.

Nas próximas seções realizaremos uma abordagem da fundamentação teórica em que se baseou o trabalho, apresentaremos a metodologia utilizada, a análise dos dados e seus resultados e as considerações finais.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Através da fundamentação teórica abordaremos algumas questões importantes em que se baseou a pesquisa. Dentre elas será apresentado um panorama geral da Sociolinguística, uma breve contextualização do processo de gramaticalização do “a gente” e, por fim, uma abordagem teórica sobre as variáveis que foram abordadas na pesquisa: escolaridade, sexo, paralelismo, saliência fônica, grau de amplitude do eu, fala/escrita e tipo de sujeito (explícito ou nulo).

### 2.1 Sociolinguística

A Sociolinguística é uma das áreas da Linguística e estuda a língua em uso, ou seja, estuda a realização da língua em seus ambientes naturais, levando em consideração aspectos linguísticos e sociais que podem vir a interferir na realização da língua. Conforme Mollica (2008), existem diversas variáveis presentes na língua de uma comunidade, desta forma para a Sociolinguística a fala não é homogênea, e sim heterogênea.

O corpus analisado pela Sociolinguística é a fala espontânea, sem monitoramento, ou seja, a fala mais natural possível, aquela em que o indivíduo não se monitora e não se preocupa com a forma que está sendo narrado determinado fato, mas sim com o que está sendo narrado. Desta forma, podemos levar em consideração o que diz Tarallo:

Em suma, a língua é o vernáculo: a enunciação e expressão de fatos, proposições, ideias (o que) sem a preocupação de como enunciá-los. Trata-se, portanto, dos momentos em que o mínimo de atenção é prestado à língua, ao como da enunciação (TARALLO, 2007, p. 19).

Por isso, em nossa pesquisa procuramos chegar o mais próximo do vernáculo, ou seja, buscamos uma análise da fala mais natural possível, e na escrita tentou-se simular uma situação informal, esperando que o participante se envolvesse com o fato que estava sendo narrado, e não se preocupasse com o como estava sendo narrado.

Com relação à Sociolinguística, veremos alguns conceitos básicos para possibilitar um melhor entendimento da pesquisa. São eles:

- Variantes: segundo Tarallo (2007, p. 8), “são diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade”. Em nosso caso foi o uso de “nós” e de “a gente” para referir-se à primeira pessoa do plural.
- Variável dependente: são variáveis dependentes no sentido de que o emprego das variantes não é aleatório, mas influenciado por grupos de fatores (ou variáveis independentes) de natureza social ou estrutural, de acordo com Mollica (2008). Em nosso caso foi a alternância entre “nós” e “a gente”.
- Variável independente: de acordo com Mollica (2008), as variáveis independentes podem ser de natureza interna ou externa à língua e podem exercer pressão sobre os usos, aumentando ou diminuindo sua frequência de ocorrência. Em nosso caso as variáveis externas foram a escolaridade e o sexo, e as variáveis internas foram o paralelismo (forma antecedente), a saliência fônica, o grau de amplitude do eu, a fala/escrita e as formas de realização do sujeito (explícito ou nulo).

As variantes de uma comunidade de fala estão sempre em concorrência, conforme afirma Tarallo (2007). Desta forma, podemos destacar a existência da variante padrão vs a não padrão, a variante conservadora vs a inovadora, a variante estigmatizada vs a de prestígio. Sendo assim, na maioria das vezes a variante considerada padrão é conservadora e a de prestígio ao mesmo tempo, e a não padrão é inovadora e estigmatizada. Mas convém lembrarmos que nem sempre a coincidência dos pares acima é seguida à risca, como, por exemplo, em nosso caso, em que nenhuma das realizações “nós”/“a gente” é considerada estigmatizada, embora a primeira seja considerada padrão e conservadora.

Cabe à Sociolinguística investigar o grau de permanência e de alteração da variação, conforme Mollica (2008), ou seja, investigar os aspectos favoráveis e não favoráveis que determinam a permanência ou a transformação de determinadas variantes.

O ser humano costuma relacionar o “caos linguístico” às várias formas de dizer a mesma coisa, segundo Tarallo (2007). Sendo assim, podemos constatar que o aparente caos linguístico não passa de um processo que causa desconforto e ansiedade no ser humano. Podemos dizer que não existe um caos linguístico, porque todas as realizações da língua são influenciadas por um conjunto de regras, normas que as sustentam; as variações linguísticas recebem influência de natureza tanto interna como externa da língua.

O modelo de análise desenvolvida na pesquisa foi o da “teoria da variação linguística”, ou seja, esse modelo teórico-metodológico analisou as duas formas de representar a primeira pessoa do plural, o “nós” e o “a gente”. Segundo Tarallo (2007), o iniciador desse modelo teórico-metodológico foi o americano William Labov.

De acordo com Tarallo (2007), quando o pesquisador se insere no meio onde irá coletar o corpus, acontece um choque, pois o pesquisador busca uma coleta de dados o mais natural possível, mas a sua presença muitas vezes acaba dificultando a naturalidade da fala. Sendo assim, o pesquisador busca, através do método utilizado para a realização da pesquisa, tentar minimizar o efeito negativo que é causado por sua presença, ou seja, o pesquisador tenta buscar situações naturais de comunicação linguística, como, por exemplo, a narrativa de experiência pessoal. Conforme Tarallo (2007, p. 23), “a narrativa de experiência pessoal é a mina de ouro que o pesquisador sociolinguista procura”, pois ao narrar suas experiências o informante não se preocupa com a forma que está narrando e sim com o que está narrando.

## 2.2 Processo de gramaticalização<sup>2</sup> do “a gente”

Segundo Omena (2003, p. 79), a implementação da variante “a gente” como referência à primeira pessoa do plural começou no século XVIII. Desta forma, podemos constatar que esta variante já está sendo utilizada há muito tempo, e cada vez com mais frequência. Omena relata que:

O nome *gente*, oriundo do substantivo latino *gens*, *gentis*, constitui um SN que nomeia de forma coletiva, indeterminadora, mais ou menos geral, um agrupamento de seres humanos, identificados entre si por objetivos, ideias, qualidades, nacionalidade ou posição. Determinado pelo artigo feminino *a*, é a forma originária de *a gente* que, através de um processo de gramaticalização (cf. Omena & Braga 1996; Menon 1996; Lopes 1999) passou a integrar o sistema de pronomes pessoais do português, concorrendo com *nós*, forma da primeira pessoa do plural (OMENA, 2003, p. 64).

Podemos assim averiguar que a forma “a gente” teve sua origem a partir do substantivo *gente*, que era usado para referir-se de forma coletiva a um grupo de seres

---

<sup>2</sup> De acordo com Samuels (1971), gramaticalização ocorre quando uma palavra que expressa conteúdo ou um morfema pertencente a classes abertas transforma-se em palavras funcionais ou morfemas de classes de palavras fechadas.

com características em comum. Com o processo de gramaticalização, a forma “a gente” passou a alternar com a forma “nós” na representação da primeira pessoa do plural.

## **2.3 Variáveis extralinguísticas e linguísticas**

Faremos agora uma breve abordagem teórica sobre as variáveis extralinguísticas e linguísticas que foram analisadas na pesquisa.

Segundo Tarallo (2007), consideram-se variáveis extralinguísticas tudo aquilo que servir como causa, motivo e argumento para a possível variação que não faz parte da natureza interna da língua, ou seja, todos os fatores que não forem estritamente linguísticos, como, por exemplo, escolaridade e sexo, variáveis essas que foram analisadas na pesquisa.

Consideram-se variáveis linguísticas, de acordo com Silva (2008), as influências de natureza interna à língua, como, por exemplo, as fonológicas, sintáticas, semânticas, etc. Em nossa pesquisa foram analisadas as seguintes variáveis linguísticas: paralelismo, saliência fônica, grau de amplitude do eu, formas de realização do sujeito e escrita/fala. Essas variáveis foram selecionadas a partir de estudos que discutiram a variação entre “nós” e “a gente”, como será apresentado nas próximas seções.

### **2.3.1 Escolaridade**

Supõe-se, de forma geral, que quanto maior o nível de escolaridade do indivíduo, mais probabilidade ele tem de utilizar a forma padrão da língua, ou seja, a considerada prestigiada. Omena (1998, p. 316) observa em sua pesquisa sobre a fala que o ginásio influencia o comportamento do falante no sentido deste usar mais a forma “nós” (e conseqüentemente menos a forma “a gente”), tanto nos dados das crianças quanto nos dados dos adultos. Para tentar explicar tal resultado, a pesquisadora relata que esse processo se dá como resultado do fato de que, nesta etapa do ensino, o estudo das conjugações verbais se enfatiza, ou seja, é nos quatro anos finais do ensino fundamental (antes Ginásio), que é dada mais ênfase ao estudo das conjugações verbais.

O último fator selecionado na ordem de relevância no uso da variante “a gente” na pesquisa desenvolvida por Seara (2000), que observou a língua falada, foi a escolaridade. Os alunos do Colegial (atualmente Ensino Médio) apresentaram uma maior probabilidade de uso da variante “a gente” do que na faixa de escolaridade primária (atualmente anos iniciais do Ensino Fundamental). Desta forma, Seara (2000) constatou que, na medida em



que se aumenta a escolaridade, existe uma maior probabilidade de se utilizar a variante inovadora “a gente”. O resultado da pesquisa foi diferente do que era esperado, já que a autora acreditava que quanto mais escolarizado, maior seria a probabilidade do uso da forma considerada conservadora “nós”, que ocupa uma posição privilegiada no ensino das escolas.

A partir dos resultados obtidos na pesquisa de Omena (1998) e Seara (2000), esperávamos encontrar o uso da forma “a gente” de maneira menos acentuada no 5º ano do Ensino Fundamental, se comparado ao 3º ano do Ensino Médio e ao Ensino Superior.

### **2.3.2 Sexo**

De acordo com a pesquisa de Seara (2000), entre as variáveis analisadas, a segunda que mais se apresentou de forma significativa foi a variável extralinguística sexo. Nos dados apontados pela pesquisa, tanto os homens quanto as mulheres usam mais a forma “a gente” do que “nós”, mas as mulheres utilizam ainda mais a variante “a gente”.

Paiva (2008) relata que as mulheres tendem a comandar processos de mudança linguística, quando se trata de implementar uma forma que não seja estigmatizada, ou seja, quando a mudança linguística é considerada desprestigiada as mulheres não costumam liderar o processo de mudança.

Sendo assim, acreditávamos que, em nossa pesquisa, o uso da forma “a gente”, considerada inovadora, estaria presente com mais intensidade na fala/escrita das mulheres, já que não há estigma envolvido na variação que estamos analisando.

### **2.3.3 Paralelismo**

O paralelismo consiste na probabilidade que o falante tem em repetir uma mesma forma em seu discurso, conforme define Lopes (1998). Ao iniciar seu discurso, ele opta por inúmeras razões em utilizar uma variante e não outra; a sua primeira escolha influenciaria na escolha das demais formas no decorrer do seu discurso.

Desta forma, esperamos que, em nossa pesquisa, possamos observar que o falante irá prosseguir seu discurso com a variante que optou no início de sua fala, ou seja, a primeira referência influenciará no uso da variante “nós” ou “a gente”.

### **2.3.4 Saliência fônica**

Verificou-se o resultado da pesquisa de Brustolin (2010), que analisou a fala e a escrita: o pronome “a gente”, mesmo sendo menos utilizado do que o pronome “nós” em ambos os graus de saliência fônica, é empregado com mais frequência nos níveis de menor saliência fônica, do que nos níveis de maior saliência fônica, ou seja, existe uma maior probabilidade de se usar a forma “a gente” quando a saliência fônica for menor, como, por exemplo, no caso de *a gente fica x nós ficamos*, já quando a saliência fônica for maior existe mais probabilidade do uso da forma “nós”, como, por exemplo, em *a gente é x nós somos*.

Lopes (1998) também constata em sua pesquisa que, quanto maior a diferença entre as formas da terceira pessoa do singular e da primeira pessoa do plural, maior a possibilidade de ocorrer a variante “nós”. Desta forma também constata que quanto menor a diferença entre as formas do singular e do plural maior a possibilidade da variante “a gente”.

Com base nas pesquisas mencionadas, buscou-se verificar se quanto maior a saliência fônica menor é a possibilidade do uso da forma “a gente”, e se, por outro lado, quanto menor a saliência menor a possibilidade do uso da variante “nós”.

### 2.3.5 Grau de amplitude do eu

Podemos dizer que a ocorrência da forma “a gente” vai ter maior probabilidade de se realizar, quando o discurso do falante referir-se a ele e a mais um grupo indeterminado de pessoas, como no exemplo que consta na pesquisa da Seara (2000, p.185):

Até nos ônibus, uma pessoa grávida, uma senhora de idade, um senhor de idade (...) é a mesma coisa que nada. Ninguém levanta pra dar lugar hoje em dia. (...) Hoje não. Hoje a gente (eu + as pessoas em geral no mundo de hoje) vê as pessoas virem cansadas dentro do ônibus (...) (Inf.04-220).

Sendo assim, a realização da forma “nós” tem mais probabilidade de ocorrer quando o discurso do falante referir-se a ele e a mais alguém de forma determinada, como, por exemplo, na pesquisa de Seara (2000, p.185), “Eu era aprendiz de marinho. Eu conheci ela foi no mês de abril ou maio de mil novecentos e quarenta. Aí nós (eu + ela) ficamos correspondendo, coisa e tal. (Inf.06-591)”.

Lopes (1998) constata, em sua pesquisa, que existe uma elevação progressiva no uso de “a gente” em função do eu menos determinado. E nos casos em que o eu é mais determinado existe uma maior probabilidade do uso de “nós”.

Com base nas pesquisas realizadas por Seara (2000) e Lopes (1998), supomos encontrar em nossas pesquisas o uso da forma “a gente”, com mais frequência, quando o discurso referir-se ao falante e a mais um grupo indeterminado de pessoas. Desta forma, o uso de “nós” ocorrerá com mais frequência quando o falante referir-se a ele e a mais alguém de forma determinada.

### **2.3.6 Escrita/ fala**

Estudos apontam que o uso das variantes “nós” e “a gente” como forma de representar a primeira pessoa do plural está presente tanto na fala como na escrita dos indivíduos. Brustolin (2010) constata em sua pesquisa que, ainda que o uso da variante “a gente” não seja abordada nas salas de aula, esta variante já está efetivamente inserida na escrita e na fala dos alunos, de todas as séries analisadas em sua pesquisa, superando o uso da variante “nós” na modalidade fala. Através da pesquisa de Brustolin (2010) podemos também observar que o uso da variante “nós” na escrita é bem mais corriqueiro do que o uso da variante “a gente”. Uma das justificativas para esta preferência possa ser o fato de que a escrita seja uma representação da língua mais formal, e precise obedecer normas padrões da gramática.

Sendo assim, nossa pesquisa teve como um dos objetivos averiguar se as variantes “nós” e “a gente” estão realmente inseridas na fala e na escrita dos bageenses, e em qual das modalidades está mais presente, já que tínhamos como hipótese inicial encontrar a variante “a gente” utilizada com mais intensidade na fala, e a variante “nós” mais presente na escrita.

### **2.3.7 Tipo de sujeito (explícito ou nulo)**

Estudos apontam que o sujeito explícito torna-se cada vez mais uma característica da língua portuguesa. Lopes (1998) e Brustolin (2010), em suas pesquisas, ressaltam que há predominância de “a gente” quando se trata de sujeito explícito e conseqüentemente existe predominância de “nós” quando o sujeito for nulo.

Sendo assim, tomamos como objetivo verificar se na região de Bagé/RS existia a mesma predominância, ou seja, buscamos verificar se a variante “a gente” era mais utilizada em situações onde o sujeito era explícito e a variante “nós” era mais utilizada em situações onde o sujeito era nulo.

### 3 Metodologia

A pesquisa foi realizada com uma abordagem quantitativa, seguindo os pressupostos da teoria da variação, para que o nosso objetivo fosse alcançado. Foram analisados os casos em que as variantes “nós” e “a gente” apareceram na posição de sujeito na frase.

Foram selecionados aleatoriamente cinco alunos de cada nível escolar e sexo, totalizando trinta informantes. Participaram da pesquisa alunos do 5º ano do Ensino Fundamental e do 3º ano do Ensino Médio de uma escola estadual da região de Bagé/RS, e alunos de Ensino Superior (concluído ou em andamento) da região de Bagé/RS, com idade entre 25 e 30 anos.

Saliento que em nossa pesquisa não foi observada a variante extralinguística idade, devido à investigação ter sido realizada com estudantes que estão cursando no momento atual o nível escolar observado, e por isso não contemplariam a mesma idade em todos os níveis de escolaridade selecionados, como, por exemplo, não seria possível observar estudantes entre 10-11 anos cursando o ensino superior. Desta forma, destacamos que participaram da pesquisa alunos do 5º ano do ensino fundamental com idade entre 10 e 11 anos, alunos do 3º ano do ensino fundamental com idade entre 16 e 20 anos e alunos do ensino superior concluído ou em andamento entre 25 e 30 anos.

A seguir, é apresentado o quadro com o sexo, o nível de ensino e o número de informantes que foram analisados na pesquisa.

Quadro 01- Sexo, nível de ensino e número de informantes

Sexo	Escolaridade	Quantidade de informantes
Homens	Ensino fundamental	05
	Ensino médio	05
	Ensino superior	05
Mulheres	Ensino fundamental	05
	Ensino médio	05
	Ensino superior	05
Total		30

Os alunos selecionados aleatoriamente receberam um termo de consentimento para a participação da pesquisa (anexo 1) para que ficassem cientes da pesquisa, e também para que, no caso dos menores de idade, os responsáveis pudessem liberar a participação e a utilização dos dados coletados. Cada participante ficou com uma via do

termo de consentimento, para que no caso de dúvidas ou desistência da participação no trabalho pudesse entrar em contato com a pesquisadora.

O teste foi organizado em duas etapas. A primeira etapa foi realizada através de uma entrevista (anexos 2 e 3), que serviu como base para conduzir a narrativa; a entrevista foi gravada somente em áudio, e o tempo médio de duração foi de 20 minutos. Na segunda etapa o participante foi convidado a escrever uma narrativa pessoal, simulando estar contando para um amigo, no bate-papo do Facebook, uma situação vivenciada por ele e por mais pessoas. Esperava-se que em ambas as etapas os participantes narrassem suas experiências pessoais da forma mais informal possível.

Após a coleta dos dados, foi realizada a análise estatística através do pacote de programas estatísticos VARBRUL<sup>3</sup>. Posteriormente foi realizada uma análise com base na fundamentação teórica escolhida.

A seguir, são apresentados os quadros com as variáveis extralinguísticas e linguísticas que foram abordadas na pesquisa.

#### Quadro 02- Variáveis extralinguísticas

<p>1- Escolaridade</p> <ul style="list-style-type: none"><li>• Ensino Fundamental;</li><li>• Ensino Médio;</li><li>• Ensino Superior (concluído ou em andamento).</li></ul> <p>2- Sexo</p> <ul style="list-style-type: none"><li>• Feminino;</li><li>• Masculino.</li></ul>
---

#### Quadro 03- Variáveis linguísticas

---

<sup>3</sup> De acordo Brescancini (2002), o programa estatístico VARBRUL, para interpretar o peso relativo, utiliza o modelo logístico e analisa a influência que os fatores de todas as variáveis têm uns sobre os outros. Desta forma, para classificar os fatores com mais ou menos relevância é preciso tomar como base o valor de referência de 0,5, para todos os fatores de cada grupo. Sendo assim, podemos ressaltar que, se o peso relativo for superior a 0,5, o fator é relevante; se for inferior a 0,5, é pouco relevante; e se for exatamente 0,5, é neutro.

1- Paralelismo (forma antecedente)

- 1ª pessoa plural (sujeito nulo);
- Nós;
- 1ª referência<sup>4</sup>;
- A gente;
- 3ª pessoa plural (sujeito nulo).

2- Saliência fônica (do menos para o mais saliente)

- Acréscimo do *-mos* com manutenção da sílaba tônica (falava-falávamos);
- Acréscimo do *-mos*, com alteração da sílaba tônica (fala-falamos);
- Acréscimo do *-mos* e perda da última vogal (falou-falamos);
- Acréscimo do *-mos* e aumento de uma sílaba (faz-fazemos);
- Formas bem distintas (é-somos).

3- Grau de amplitude do eu (do mais para o menos específico)

- Eu + tu;
- Eu + tu + alguém;
- Eu + ele;
- Eu + eles;
- Eu + todos.

4- Fala/Escreita

- Fala;
- Escrita.

5- Tipos de sujeito

- Sujeito explícito;
- Sujeito nulo.

---

<sup>4</sup> Na pesquisa foi considerada 1ª referência, todas às vezes que o informante trocava de turno na etapa oral e na etapa escrita a primeira vez que aparecia a variante “nós” ou “a gente”, como sujeito nulo ou explícito.

#### 4 Apresentação da pesquisa e análise dos resultados

Foi analisado na pesquisa um total de sete variáveis, linguísticas e extralinguísticas, para observar a alternância entre as variantes “nós” e “a gente”. Salientamos que os resultados obtidos referem-se ao uso da variante “a gente”. Entre elas cinco foram consideradas estatisticamente significantes pelo pacote de programas VARBRUL, sendo que a Fala/Escrita ocupou o primeiro lugar na ordem de relevância para o uso de “a gente”, seguido pelo tipo de Sujeito (Explícito/Nulo), Paralelismo (forma antecedente), Escolaridade e Saliência Fônica. Apenas duas das sete variáveis não foram consideradas significativas, foram elas: sexo e o grau de amplitude do eu.

A seguir apresentaremos um quadro com as variáveis linguísticas e extralinguísticas, de acordo com a ordem de relevância dada pelo programa VARBRUL.

**Quadro 4- Variáveis linguísticas e extralinguísticas organizadas de acordo com a ordem de relevância**

Fala/ Escrita	1 <sup>a</sup>
Tipos de sujeito	2 <sup>a</sup>
Paralelismo (forma antecedente)	3 <sup>a</sup>
Escolaridade	4 <sup>a</sup>
Saliência fônica	5 <sup>a</sup>
Sexo	-
Grau de amplitude do eu	-

Diferente da pesquisa de Seara (2000), a variável extralinguística sexo não foi considerada significativa em nossa análise. Consequentemente, nossa hipótese de que a variante “a gente”, considerada inovadora, estaria presente com mais intensidade na fala/escrita das mulheres não pôde ser confirmada.

Da mesma forma, a variável grau de amplitude do eu não foi considerada significativa pelo programa. Com base nas pesquisas realizadas por Seara (2000) e Lopes (1998), tínhamos a hipótese de que em nossa pesquisa a forma “a gente” seria mais frequentemente utilizada quando o discurso referir-se ao falante e a mais um grupo indeterminado de pessoas, hipótese esta que não pôde ser confirmada.

A seguir apresentaremos a análise dos resultados obtidos na pesquisa, de acordo com a ordem de relevância apontada pelo programa.

#### 4.1 Escrita/Fala

A tabela 1 abaixo sistematiza o resultado encontrado na pesquisa em relação à variável fala/escrita.

**Tabela 1- Fala/Escrita**

	Aplicação/total	%	Peso relativo
Fala	415/473	87	0,64
Escrita	13/136	9	0,10
Total	428/609	70	

A variável selecionada com mais relevância em nossa pesquisa, ou seja, em primeiro lugar, foi a fala/escrita. Como podemos observar na tabela 1, a fala favorece o uso da variante “a gente”. Foram, no total, 473 dados coletados na entrevista oral, sendo que 415 foram realizados com a variante “a gente”, o que equivale a uma porcentagem de 87% dos dados coletados, assim temos um peso 0,64, o que favorece a realização da forma “a gente” na fala dos bageenses.

Obtivemos um total de 136 dados coletados na parte escrita da nossa pesquisa; somente 13 realizações foram com a variante “a gente”, ou seja, uma porcentagem de 9%, com um peso relativo de 0,10, o que comprova que a escrita desfavorece o uso da variante “a gente”.

Sendo assim, podemos observar que a variante “a gente” está de fato efetivamente inserida nas duas modalidades fala/escrita dos bageenses, mas que existe uma maior probabilidade do uso da realização “a gente” na fala do que na escrita, ou seja, a escrita, mesmo de forma mais informal (Facebook), continua sendo uma representação mais formal da língua e precisa obedecer a normas padrões da gramática. Consequentemente podemos concordar com a constatação de Brustolin (2010), que relata que, apesar do uso da variante “a gente” não ser abordado nas salas de aula, ela está inserida de fato nas duas modalidades (fala/escrita), e que supera o uso da variante “nós” na modalidade fala.

#### 4.2 Tipos de sujeito

A tabela 2 abaixo apresenta o resultado encontrado na pesquisa em relação à variável tipo de sujeito (explícito/nulo)



**Tabela 2- Tipos de sujeito**

	Aplicação/total	%	Peso relativo
Sujeito explícito (a gente foi)	291/321	90	0,80
Sujeito nulo (fomos)	137/288	47	0,17
Total	428/609	70	

Como podemos observar na tabela 2, com relação aos tipos de sujeito, quando o sujeito é explícito há uma maior probabilidade do uso da variante “a gente”. De 321 realizações com sujeito explícito, 291 foram com a variante “a gente”, totalizando uma porcentagem de 90%, e um peso relativo de 0,80, comprovando que existe um grande favorecimento do uso da variante “a gente”.

Obtivemos um total de 288 realizações com sujeito nulo; somente 137 foram com a variante “a gente”, o que equivale a uma porcentagem de 47%, e um peso relativo de 0,17, apresentando um acentuado desfavorecimento da variante “a gente” nas realizações com sujeito nulo.

Em decorrência dos dados apresentados, vamos ao encontro dos resultados obtidos nas pesquisas de Lopes (1998) e Brustolin (2010), que ressaltam que há predominância de “a gente” quando se trata de sujeito explícito. E conseqüentemente existe predominância de “nós” quando o sujeito for nulo. Sendo assim, podemos concluir que há, na região de Bagé/RS, também uma predominância da variante “a gente” quando o sujeito for explícito e quando o sujeito for nulo há desfavorecimento de tal variante.

#### **4.3 Paralelismo (forma antecedente)**

Segue na tabela 3 abaixo o resultado encontrado na pesquisa em relação à variável paralelismo (forma antecedente).

**Tabela 3- Paralelismo**

	Aplicação/total	%	Peso relativo
3ª pessoa singular (sujeito nulo)	65/70	92	0,82
A gente	157/181	86	0,77
1ª referência	196/251	78	0,38

Nós	6/25	24	0,25
1ª pessoa plural (sujeito nulo)	4/82	4	0,09
Total	428/609	70	

A variável selecionada em terceiro lugar foi o Paralelismo (forma antecedente). Como podemos observar na tabela 3, as formas antecedentes em terceira pessoa singular (sujeito nulo) e a com a variante “a gente” favorecem o uso da variante “a gente”. Foram 70 realizações com a forma antecedente na terceira pessoa do singular; destas 65 utilizaram a variante “a gente”, uma porcentagem de 92% e um peso relativo de 0,82, o que podemos constatar que favorece de forma bem acentuada a variante “a gente”. Da mesma maneira, as realizações com a forma antecedente “a gente” permaneceram com a variante “a gente”. Foram 181 dados coletados, entre eles 157 foram com a variante “a gente”, totalizando uma porcentagem de 86% e um peso relativo de 0,77, comprovando um forte favorecimento.

Já quando se trata da primeira referência, de nós e da 1ª pessoa do plural (sujeito nulo) como forma antecedente, podemos observar um desfavorecimento no uso da variante “a gente”. Foram coletados 251 dados com primeira referência; somente em 196 foi utilizada a variante “a gente”, uma porcentagem equivalente a 24% e um peso relativo de 0,38. Assim podemos observar que em realizações em que se trata de 1ª referência existe uma menor probabilidade do uso da variante “a gente”.

Nos casos em que a forma antecedente era a variante “nós”, obtivemos 25 dados, sendo que somente 6 foram realizados com a variante “a gente”, totalizando uma porcentagem de 24% e um peso relativo de 0,25. Notamos, desta forma, um forte declínio para o uso da variante “a gente”.

Em se tratando da 1ª pessoa plural (sujeito nulo), podemos ressaltar que existe ainda uma menor probabilidade para o uso da variante “a gente”, pois das 82 realizações somente 4 foram com a variante “a gente”, totalizando somente 4% das realizações, com um peso relativo de 0,09 dos dados coletados.

Sendo assim, podemos ressaltar que a nossa hipótese inicial de que o falante por inúmeras razões opta pelo uso de uma das variantes “nós” ou “a gente” e tem a probabilidade de seguir repetindo a mesma forma em seu discurso se confirma. Pois observamos em nossa pesquisa que, se a forma antecedente era “a gente” ou um verbo na 3ª pessoa do singular, houve uma tendência a manter a variante “a gente”.

#### 4.4-Escolaridade

Observe na tabela 4 o resultado encontrado na pesquisa em relação à variável escolaridade.

**Tabela 4-Escolaridade**

	Aplicação/total	%	Peso relativo
Ensino médio	122/177	68	0,60
Ensino superior	236/292	80	0,56
Ensino fundamental	70/140	50	0,25
Total	428/609	70	

A quarta variável selecionada foi a escolaridade. Como podemos observar na tabela 4, o nível de escolaridade que apresentou maior ocorrência da variante “a gente” foi o Ensino Médio. Obtivemos um total de 177 realizações; dessas, 122 foram com a variante “a gente”, uma porcentagem de 68% das realizações, com um peso relativo de 0,60. Podemos então concordar com as colocações feitas por Seara (2000) em sua pesquisa. Segundo a pesquisadora, os alunos do ensino médio apresentam uma maior probabilidade de utilizarem a variante “a gente” do que no ensino fundamental.

No Ensino Superior obtivemos um total de 292 dados coletados; entre eles 236 foram com a variante “a gente”, uma porcentagem de 80% dos dados coletados com peso relativo 0,56. Sendo assim, podemos ressaltar que a hipótese de que iríamos encontrar o uso da variante “a gente” de maneira menos acentuada no 5º ano do ensino fundamental, se comparado ao 3º ano do ensino médio e ao ensino superior, se confirma.

O resultado da análise dos dados do Ensino Fundamental também foi ao encontro da hipótese esperada. Foram coletados 140 realizações, obtivemos 70 com a variante “a gente”, uma porcentagem de 50% dos dados coletados e um peso relativo de 0,25. Desta forma, podemos concordar com os resultados das pesquisas de Omena (1998) e Seara (2000), que também encontraram a variável “a gente” de maneira menos acentuada no ensino fundamental. É possível justificarmos destacando que é, nesta etapa de ensino, que o estudo das conjugações verbais se enfatiza, ou seja, é neste período que é dada mais ênfase no estudo das conjugações verbais, conforme destaca Omena (1998) em sua pesquisa.

#### **4.5-Saliência fônica**

A tabela 5 abaixo apresenta o resultado encontrado na pesquisa em relação à variável saliência fônica de forma sintetizada.

Tabela 5-Saliência fônica

	Aplicação/total	%	Peso relativo
Acréscimo do <i>-mos</i> e aumento de uma sílaba Ex: faz/fazemos	25/27	92	0,74
Acréscimo do <i>-mos</i> com manutenção da sílaba tônica Ex: falava/falávamos	91/107	85	0,63
Acréscimo do <i>-mos</i> com alteração da sílaba tônica Ex:fala/falamos	186/219	84	0,63
Acréscimo do <i>-mos</i> e perda da última vogal Ex: falou/falamos	115/229	50	0,34
Formas bem distintas Ex: é/somos	11/27	40	0,09
Total	428/609	70	

A quinta e última variável selecionada pelo programa foi a Saliência fônica. O resultado da análise dos dados foi um pouco diferente dos resultados de Brustolin (2010). Segundo a pesquisadora, o pronome “a gente”, mesmo sendo menos utilizado do que o pronome “nós” em ambos os graus de saliência fônica, é empregado com mais frequência nos níveis de menor saliência fônica, do que nos níveis de maior saliência fônica, ou seja, existe uma maior probabilidade de se usar a forma “a gente” quando a saliência fônica for menor. Desta forma, através de nossa pesquisa, podemos destacar que apenas um fator analisado não obteve o resultado esperado, mas mesmo assim a variante “a gente” foi utilizada de forma favorável nas realizações com menor saliência fônica.

Através do resultado da análise dos dados da pesquisa, é possível observar que a variante “a gente” foi utilizada de forma mais significativa nos casos em que existia o acréscimo do *-mos* e o aumento de uma sílaba. Foram coletados 27 dados, sendo que em 25 foi utilizada a variante “a gente”, o que equivale uma porcentagem de 92% dos dados coletados e um peso relativo de 0,74, o que indica um grande favorecimento da variante “a gente”, mesmo essa sendo uma forma um pouco mais saliente, se observarmos os níveis de saliência fônica analisados.

Em relação ao acréscimo do *-mos* com manutenção da sílaba tônica, o resultado foi bem próximo ao esperado. Tínhamos como hipótese que quanto menor a saliência fônica maior era a probabilidade do uso da variante “a gente”. Assim tivemos em nossa pesquisa um total de 107 dados coletados, sendo que 91 desses dados foram realizados com a variante “a gente”, ou seja, uma porcentagem de 85% das realizações e um peso relativo de 0,63, apresentando uma acentuada probabilidade para o uso da variante “a gente” e confirmando nossa hipótese inicial.

Quando se trata da diferença ser apenas o acréscimo do *-mos* com alteração da sílaba tônica, obtivemos um total de 219 dados coletados, sendo que 186 foram realizados com a variante “a gente”, ou seja, uma porcentagem de 84% dos dados coletados e um peso relativo de 0,63, comprovando a hipótese de que quanto menor a saliência fônica maior é a probabilidade de se utilizar a variante “a gente”.

Obtivemos em nossa pesquisa um total 229 dados coletados, entre eles 115 foram realizados com a variante “a gente”, quando se tratava de acréscimo do *-mos* e perda da última vogal, totalizando uma porcentagem de 50% dos dados e um peso relativo de 0,34. Sendo assim, o resultado encontrado indica um forte desfavorecimento do uso da variante “a gente”.

Já em relação às formas bem distintas, tínhamos a hipótese de que quanto maior a saliência fônica, maior seria a probabilidade do uso da variante “nós”, hipótese esta que foi comprovada, pois entre 27 dados coletados somente 11 foram realizados com a variante “a gente”, totalizando uma porcentagem de 40% dos dados coletados, e 0,09 de peso relativo. Com este resultado vamos ao encontro dos resultados obtidos por Lopes (1998), que constata em sua pesquisa que quanto maior a diferença entre as formas da terceira pessoa do singular e a primeira pessoa do plural, maior a possibilidade de ocorrer a variante “nós”.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Levando em consideração o resultado das análises realizadas, podemos ressaltar que grande parte das hipóteses previstas em nosso projeto de pesquisa foram confirmadas. Sendo assim, podemos destacar que o uso da variante “a gente” está inserida na escrita e na fala dos bageenses, mas que existe um grande favorecimento do uso da variante “a gente” na fala e conseqüentemente uma tendência menor do uso da variante “a gente” quando se trata da escrita. Talvez a justificativa seja que a escrita mesmo de maneira informal ainda continue sendo relacionada às normas convencionais da língua portuguesa, ou seja, da gramática normativa.

Do mesmo modo, podemos também destacar que quando se trata de sujeito nulo existe uma menor probabilidade do falante utilizar a variante “a gente”, e que quando se trata de sujeito explícito há um grande favorecimento para o uso da variante “a gente”.

Igualmente podemos ressaltar que, em relação ao paralelismo, existe uma forte probabilidade do uso da variante “a gente” quando a forma antecedente for uma realização na terceira pessoa do singular (sujeito nulo) ou a realização “a gente”, e que existe um declínio no uso da variante “a gente”, ou seja, uma menor probabilidade do uso desta variante quando se tratar de primeira referência, de nós e da primeira pessoa do plural (sujeito nulo) como forma antecedente.

Quanto à escolaridade podemos destacar que, apesar do ensino superior e do ensino médio apresentarem um forte favorecimento do uso da variante “a gente”, é no ensino médio que esta variante é utilizada com mais intensidade, e que a variante “a gente” é desfavorecida no ensino fundamental, o que talvez possa ser justificado porque é nessa etapa do ensino que os alunos estão estudando com mais ênfase as conjugações verbais.

Com relação à saliência fônica, podemos destacar que, em nossa pesquisa, de acordo com os resultados obtidos, quando as formas verbais foram bem distintas houve um grande desfavorecimento para o uso da variante “a gente”, ou seja, dificilmente o falante utilizou a variante “a gente”. Já quando a diferença se tratava do acréscimo do *-mos* e o aumento de uma sílaba houve uma forte tendência do falante utilizar a variante “a gente”. Da mesma forma quando as formas verbais foram diferenciadas pelo acréscimo do *-mos* com alteração ou manutenção da sílaba tônica existiu uma probabilidade do uso da variante “a gente”. Entretanto, quando a forma verbal se diferenciava pelo acréscimo do *-mos* e a perda da última vogal, observamos um forte desfavorecimento para o uso da variante “a gente”.

Podemos também observar que o sexo e o grau de amplitude do eu não foram selecionados de forma significativa para o uso da variante “a gente”, ou seja, estes dois fatores não apresentaram relevância para a alternância das variantes analisadas.

Posto isto, gostaríamos de salientar a importância dos resultados observados na pesquisa para identificar as características da variedade linguística utilizada pelos bageenses, as possíveis motivações, tanto linguísticas como extralinguísticas, na alternância de “nós” e “a gente” para realizar a primeira pessoa do plural. E, ainda, pensando em professores da Educação Básica como possíveis leitores deste trabalho, espera-se que ele tenha oportunizado uma reflexão sobre a importância de observar e abordar as variantes presentes tanto na fala como na escrita dos alunos, levando em consideração a Sociolinguística, ou seja, entendendo as possíveis motivações linguísticas e extralinguísticas pelas quais a fala e a escrita passam.

## REFERÊNCIAS

BRESCANCINI, Cláudia Regina; A análise de regra variável e o programa VARBRUL 2S. In: BISOL, Leda; BRESCANCINI, Cláudia (orgs) **Fonologia e variação: recortes de português brasileiro**. Porto Alegre: IDIPUCRS, 2002. p. 13-75.

BRUSTOLIN, Ana Kelly Borba da Silva. Uso e variação de nós e a gente na fala e escrita de alunos do Ensino Fundamental. In: IX ENCONTRO DO CELSUL, 2010, Palhoça. **Anais...** Palhoça, Ed. da Unisul, 2010. p. 1-15. Disponível em <[http://www.celsul.org.br/Encontros/09/artigos/Ana%20Brustolin%20\\_1.pdf](http://www.celsul.org.br/Encontros/09/artigos/Ana%20Brustolin%20_1.pdf)>

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. Trad. de M. Bagno; M. M. P. Scherre; C. R. Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972]. p. 360.

LOPES, Célia Regina dos Santos. Nós e a gente no português falado culto do Brasil. **DELTA**, v. 14, n. 2, 1998. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010244501998000200006&lng=en&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010244501998000200006&lng=en&nrm=iso&tlng=pt)>

MOLLICA Maria Cecilia; Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA Maria Luzia (orgs) **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 9-14.

OMENA, Nelize Pires .As influências sociais na variação entre nós e a gente na função de sujeito. In: OLIVEIRA E SILVA, G. M.; SCHERRE, Maria Marta P. (orgs.) **Padrões sociolinguísticos: estudos de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1998, 2ª ed. p. 311-323.

OMENA, Nelize Pires; A referência à primeira pessoa do plural: variação ou mudança? In.: PAIVA, M. C.; DUARTE, E. L. (Orgs.). **Mudança em tempo real**. Rio de Janeiro: Capa Livraria, 2003, p. 63-80.



PAIVA, Maria da Conceição de; A variável gênero/sexo. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luzia (orgs) **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 33-42.

ROSÁRIO, Ivo da Costa. **GRAMATICALIZAÇÃO – UMA VISÃO TEÓRICO-EPISTEMOLÓGICA**. 2010. Palimpsesto nº 11, Ano 9, 2010, Dossiê (2). Doutorando em Estudos da Linguagem, UFF. Disponível em [http://www.pgletras.uerj.br/palimpsesto/num11/dossie/palimpsesto11\\_dossie02.pdf](http://www.pgletras.uerj.br/palimpsesto/num11/dossie/palimpsesto11_dossie02.pdf)

SEARA, Izabel Christiane. A variação do sujeito nós e a gente na fala florianopolitana. **Organon**, v. 14, n. 28-29, p. 179-184, 2000.

SILVA, Vera Lúcia Paredes; Relevância das variáveis linguísticas. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA Maria Luzia (orgs) **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 67-71.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática, 2007

## ANEXOS

### ANEXO 01- Termo de consentimento para a participação na pesquisa



#### TERMO DE CONSENTIMENTO PARA A PARTICIPAÇÃO NA PESQUISA

Você está sendo convidado (a) para participar da pesquisa sobre “A alternância das variantes “nós” e “a gente” na fala e na escrita dos bageenses”, de responsabilidade da pesquisadora Andréia Fagundes, acadêmica do curso de Licenciatura em Letras da Universidade Federal do Pampa, e orientação da professora Doutora Taíse Simioni, do curso de Licenciatura em Letras da Universidade Federal do Pampa.

O objetivo geral da pesquisa é investigar os fatores linguísticos e extralinguísticos presentes na fala e na escrita na região de Bagé, que podem vir a favorecer ou desfavorecer a alternância entre as variantes “nós” e “a gente” na posição de sujeito, como forma de realizar a primeira pessoa do plural.

Acredita-se que a pesquisa vai possibilitar um maior conhecimento sobre as características da variedade falada em Bagé, e que também seus resultados possibilitarão aos professores um material de apoio para identificar as possíveis motivações, tanto linguísticas como extralinguísticas na alternância de “nós” e “a gente” para realizar a primeira pessoa do plural, e ainda, proporcionar uma reflexão sobre a importância de observar e abordar as variantes presentes tanto na fala como na escrita dos alunos.

Eu, \_\_\_\_\_, RGn° \_\_\_\_\_, declaro ter sido informado e concordo em participar, como voluntário, do projeto de pesquisa acima descrito.

*Ou*

Eu, \_\_\_\_\_, RGn° \_\_\_\_\_, responsável legal por \_\_\_\_\_, RG n° \_\_\_\_\_, declaro ter sido informado e concordo com a sua participação, como voluntário, do projeto de pesquisa acima descrito.

Informo que o material coletado para a pesquisa (oral/escrito) poderá ser destruído a pedido do entrevistado, na presença do mesmo.

Bagé, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2015.

---

Nome e assinatura do aluno ou do responsável legal do aluno

---

Andréia Fagundes (pesquisadora) Contato: deiapcfagu@hotmail.com

## **Anexo 02- QUESTIONÁRIO PARA ENTREVISTA (5° ANO)**

Questionário para entrevista (5° ano)

- 1- Qual o seu nome?
- 2- Tem irmãos?
- 3- Costuma fazer o que para se divertir?
- 4- Conte-me um fato engraçado envolvendo você e outra pessoa.
- 5- Gosta de animais?
- 6- Você tem algum animalzinho de estimação? O que costuma fazer com ele?
- 7- Gosta de viajar? Já fez uma viagem que tenha lhe marcado muito? Quem estava com você? O que fizeram?
- 8- Torce por algum time? Qual?
- 9- Qual o nome do seu melhor amigo? O que vocês costumam fazer juntos?
- 10-Costuma passear com família? Onde costumam ir? O que fazem?
- 11-Gosta de estudar? Por quê?
- 12- Conte-me uma história que tenha acontecido na escola envolvendo você e outra pessoa que tenha te marcado?
- 13- Já sabe em que você gostaria de trabalhar quando crescer?
- 14- Qual a sua comida preferida? Quem faz pra você? Com quem costuma fazer as refeições? E como são as refeições?
- 15- Você costuma ajudar em casa? De que maneira?
- 16-Com quem você mora? Eles trabalham fora?
- 17- O que você mais gosta de fazer em casa? Por quê?
- 18- Conte-me como foi seu dia de aula anterior a esse, o que fizeram, como fizeram, onde fizeram, e quem estava presente?
- 19-O que você fez de mais legal nas últimas férias de verão?
- 20-O que você costuma fazer nos finais de semana com sua família?

## **ANEXO 03- QUESTIONÁRIO PARA ENTREVISTA (3º ANO ENSINO MÉDIO E ENSINO SUPERIOR)**

Questionário para entrevista (3º ano Ensino Médio e Ensino Superior)

- 1- O que ficou de mais marcante da sua infância?
- 2- Quando você era criança costumava brincar com quem? De que vocês brincavam?
- 3- Você gosta de futebol? Torce por algum time? Qual? Tem alguma lembrança relacionada ao seu time que tenha lhe marcado? Qual?
- 4- Com quem você costuma se divertir mais atualmente? O que vocês costumam fazer?
- 5- Você gosta ir à festa e a show? Tem algum fato estranho, engraçado, curioso que tenha marcado uma das suas saídas para festas e show?
- 6- Você tem irmãos ou primos que fizeram parte da sua infância? Qual foi a situação mais apavorante, engraçada, curiosa em que vocês se envolveram?
- 7- Quem são seus melhores amigos hoje? O que vocês costumam fazer?
- 8- Você gosta de viajar? Conte-me uma viagem que mais marcou a sua vida até agora.
- 9- Qual foi a última viagem de que você participou? Quem estava com você, o que vocês fizeram?
- 10- Você tem algum animal de estimação? Qual?
- 11- Quem foi ou é o parente mais próximo de você? O que vocês costumam ou costumavam fazer juntos?
- 12- Você gosta de cozinhar? Se sim, o que você mais gosta de cozinhar, para quem você mais gosta de cozinhar?
- 13- O que seus pais costumam falar sobre os estudos?
- 14- Você já precisou ajudar um amigo que estava em apuros, o que aconteceu com ele?
- 15- Em que tipo de ocasiões sua família costuma se reunir? O que vocês costumam fazer nessas ocasiões?
- 16- Você gosta de ler? Tem algum livro preferido? Recomendaria algum? Que tipo de livro você mais gosta mais? Algum marcante?
- 17- Você tem filhos, sobrinhos ou irmão menor? O que costumam fazer para se divertirem juntos?
- 18- Se você precisasse fazer um breve relato da sua família, o que você diria?
- 19- Como é o seu relacionamento com os colegas e professores da escola/universidade?
- 20- Você gosta de assistir televisão? Qual seu programa preferido?